

Verdade ou mentira? Sobre vantagens e desvantagens das histórias de vida como metodologia de pesquisa

Truth or lie? About advantages and disadvantages of life stories as research methodology.

GOMES, Felipe Vellozo.

RESUMO: O artigo aborda o uso da técnica de história de vida e suas vantagens e desvantagens como metodologia de pesquisa sobre a obra da ilustradora Mariza Dias Costa. O artigo também ressalta e justifica o interesse por essa metodologia devido à história de vida da ilustradora ser de interesse para o pesquisador como fator determinante para o desenvolvimento da obra a ser estudada. Com base em Maire-Christine Joso (2009), o artigo analisa o que é dito e não-dito na série de depoimentos feitos e a serem feitos, tendo como ponto de partida o livro com ilustrações da autora ...e depois a maluca sou eu! contendo depoimentos da ilustradora escritos e desenhados e a palestra dada por esta no evento Sábado da Memória das Artes Gráficas no SESC-SP em 14 de abril de 2018 registrado em vídeo.

Palavras-chave: Arte e visualidade. História de vida. Imagem e comunicação. Mariza Dias Costa. Pesquisa e metodologia do design.

ABSTRACT: *The article deals with the use of the technique of life story and its advantages and disadvantages as research methodology about the work of illustrator Mariza Dias Costa. The article also points out and justifies the interest for this methodology due to the life story of the illustrator being of interest for the researcher as a determined factor for the development of the work to be studied. Based on Maire-Christine Joso (2009), the article analyzes what is said and not said in a series of statements made and to be made, having as a starting point the book with illustrations of the author ...e depois a maluca sou eu! containing written and drawn statements of the illustrator and the talk given by her in the event Sábado da Memória das Artes Gráficas in SESC-SP in april the 14th 2018 registered on video.*

Keywords: *Art and visuality. Life story. Image and communication. Mariza Dias Costa. Design methodology and research.*

1 — Introdução - sobre a história de vida

História de vida é um procedimento investigativo adotado pela Sociologia e pela Antropologia, que consiste, fundamentalmente, em recolher intensivamente dados de caráter biográfico, sobre uma ou mais pessoas, sendo a própria ou as próprias a fonte principal da informação, embora não necessariamente a única. Pressupõe, regra geral, a realização de uma série de entrevistas, cujo objetivo é reconstituir o percurso biográfico da pessoa em questão ou episódios e etapas particulares desse mesmo percurso, de acordo com os critérios estabelecidos pelo investigador.

A vida do sujeito não tem de ser uniforme nem integralmente narrada. Por vezes, procura-se estudá-la em torno de momentos-chave, assinalados pelo próprio sujeito; outras vezes, limita-se o percurso biográfico apenas a um dado período de vida ou esfera de atividade do inquirido. Do ponto de vista dos fundamentos, ela se assenta em pressupostos icônicos, isto é, na valorização do singular, do irrepetível, consequentemente, do não generalizável, como objeto de estudo.

Na história das ciências sociais ela surgiu e difundiu-se pelos anos 20 e 30 do século XX, no contexto da sociologia americana e no seio de escolas que procuraram compreender por dentro os fenômenos sociais. Como obra pioneira, aponta-se, normalmente, *The Polish Peasant in Europe and America*, publicado em cinco volumes entre 1918 e 1920, de William Isaac Thomas e Florian Witold Znaniecki. Porém, desde então não houve muito uso intenso dessa metodologia por aproximadamente até quatro décadas, quando as histórias de vida voltaram a aparecer, pelos anos 60, já num contexto pós-estruturalista. É nesse contexto que surge os estudos de Oscar Lewis, antropólogo norte-americano, autor de diversos estudos sobre a vida cotidiana de famílias pobres do México, Porto Rico e Cuba. Lewis criou um novo gênero de análise e de literatura na antropologia, baseado nas biografias dos membros das famílias pobres que acompanhava e estudava. Dentre estes relatos, destaca-se *The Children of Sanchez, Autobiography of a Mexican Family* (1961).

Há autores que distinguem ainda, dentro das histórias de vida, psicobiografia e sociobiografia. Por outro lado, a história de vida tem parentesco óbvio com a biografia e a autobiografia, desde longa data praticadas em outros âmbitos que não o das Ciências Sociais, como literatura, jornalismo, cinema e televisão. Por sua vez, a história oral, cujo exercício é hoje largamente cultivado (enquanto método privilegiado de recolha de testemunhos orais sobre objetos da história recente), partilha com a história de vida vários objetivos, procedimentos e resultados. É fundamental um depoimento oral via gravação de indivíduos analfabetos, como por exemplo no caso de pesquisa de história de vida envolvendo educação de adultos. Também se constroem histórias de vida cruzadas, sendo que, nesses casos, se multiplicam as oportunidades de verificação da coerência e da fidedignidade dos dados apresentados.

Dentre os atuais pesquisadores que se destacam no uso da história de vida, o francês Gaston Pineau é uma referência. Professor de Ciências da Educação na Universidade François Rabelais de Tours, é co-fundador em 1990 da *L'Association Internationale des Histoires de Vie en Formation - ASIHVIF* (Associação Internacional de Histórias de Vida em Formação) e autor de várias obras, entre elas, *Temporalidades na formação* (São Paulo: Triom, 2004) e *Les histoires de vie* (Paris: PUF, 2002, em colaboração com Jean-Louis Le Grand). Outra referência é a socióloga e antropóloga suíça Marie-Christine Joso, doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Genebra, onde leciona e pesquisa na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação desde 1971. Participa de diversas sociedades científicas internacionais e desenvolve trabalhos regulares em colaboração com grupos de pesquisadores de Portugal, Canadá, Itália, França e Suíça. Em 1980, co-funda o *Groupe de Recherche sur les Adultes et leurs Processus d'Aprendissage - GRAPA* (Grupo de Pesquisa sobre os Adultos e seus Processos de Aprendizagem) e também é co-

fundadora da *ASIHVIF*. Também tem experiência em pesquisa de formação de professores e na obra de Paulo Freire.

Além de França e Suíça, Portugal é atualmente um país com destaque na atuação de pesquisadores no ramo da história de vida. O psicólogo António Sampaio da Nóvoa possui doutorado em História pela Universidade de Paris IV - Sorbonne e doutorado em História da Educação pela Universidade de Genebra. Trabalhou no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa da qual também foi reitor. Atualmente é embaixador de Portugal na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Tem como foco de pesquisa a formação de professores. Ao mesmo tempo em que pesquisou e escreveu sobre a obra pedagógica de Paulo Freire, teve também sua própria obra estudada por pesquisadores brasileiros da área de educação. Cabe destacar também o pesquisador Rui Tinoco, que é poeta e psicólogo clínico com trabalho de intervenção e investigação na área dos comportamentos de dependência química (heroína) - tema sobre o qual dedicou o seu doutorado na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Desde 2005 trabalha nos cuidados de saúde básicos, onde desenvolve atualmente a sua atividade clínica e programas de intervenção comunitária. Em seus trabalhos de pesquisa investiga as histórias de vida de consumidores de heroína.

2 — Vantagens e desvantagens da história de vida

No que se diz respeito às vantagens da história de vida como metodologia de pesquisa, o depoimento da pessoa a ser objeto de estudo pode ser tratado como um documento primário, um material de ponto de partida com o qual o investigador trabalha em seguida. A própria coleta do depoimento não é, em geral, "fria", visto que ela é provocada pelo investigador, ao solicitar uma narrativa oral ou escrita ao sujeito. Ganha-se um conhecimento profundo do objeto e uma perspectiva privilegiada sobre os acontecimentos sociais, do ponto de vista do pesquisador. A consulta de documentos, principalmente de documentos pessoais, surge, assim, como método complementar e de controle da validade dos depoimentos.

Por outro lado, quanto às desvantagens, em outros casos a história de vida é apresentada como um relato exaustivo da narrativa do sujeito biografado, ocultando-se o autor da pesquisa o quanto for possível. E para muitos pesquisadores existe a crença de que o depoimento é um procedimento de coleta de informações pouco confiável e excessivamente subjetivo, pois podem surgir falhas e imprecisões de memória, floreamento de certas informações para salientar o papel desempenhado pelo sujeito na ação narrada, substituição da realidade pelos sonhos que foram sendo alimentados acerca dessa realidade, além da presença e participação/interferência do investigador na tomada do depoimento.

3 — Recorte biográfico de Mariza Dias Costa

Segundo informações do livro *...e depois a maluca sou eu!*, Mariza nasceu na Guatemala em 1952. Sendo filha do diplomata, viveu sua infância e adolescência em vários países (Suíça, Peru, Itália, Paraguai, França, Iraque) e conheceu culturas das mais diversas, aprendendo vários idiomas: inglês, francês, italiano, espanhol, árabe, guarani e grego. Sobre essa irregularidade na infância e adolescência, Mariza declarou: "Nem bem me adaptava a uma casa, a uma turma de amigos, já tinha de romper. O resultado disso é que você se sente vagamente à vontade em qualquer lugar, mas não pertence a lugar nenhum."

Seu pai, o diplomata Mário Loureiro Dias Costa, fora um entusiasmado promotor cultural, tendo sido chefe da Divisão de Difusão Cultural do Itamaraty no início dos anos 1960, colega e amigo do também diplomata e poeta Vinicius de Moraes e amigo de demais

músicos da Bossa Nova como Tom Jobim, Carlinhos Lyra, João Gilberto e Roberto Menescal, obtendo a verba governamental para o concerto do Carnegie Hall em Nova York em 1962, evento este que tornou a Bossa Nova famosa mundialmente. Mariza quando criança adorava histórias em quadrinhos, como Luluzinha, Ferdinando e Turma do Pererê e também adorava desenhar. Devido à irregularidade domiciliar que deixava sua formação escolar sempre comprometida, abandonou a escola aos 17 anos em 1969 no Rio de Janeiro, após experiências sem sucesso como aluna, inclusive em um colégio interno, pois preferia desenhar escondida a prestar atenção à aula de matemática, matéria que nunca dominou. Até chegar a esse ponto e indo além, envolveu-se com amigos de sua irmã mais velha no que havia de entretenimento jovem na década de 1960: drogas (maconha, LSD, Mandrix, Artane) e rock and roll, não se importando com militância política, embora já estivesse ciente da atmosfera repressora da recém-implantada ditadura. Nesse meio tempo se interessou em estudar gravura em metal com Anna Letycia Quadros, que lecionava gravura no atelier do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro entre 1960 e 1966. Admirava os trabalhos dos cartunistas que ilustravam para a revista *O Cruzeiro*: Carlos Estevão, Vão Gogo (pseudônimo de Millôr Fernandes) e Péricles, criador do personagem Amigo da Onça. Demonstrou gosto em estudar história da arte, Idade Média, Roma Antiga, lembrando-se das esculturas de criaturas que via em obras arquitetônicas em várias nações por onde percorreu acompanhando seu pai, como as esculturas animalescas nos relevos de catedrais românicas e góticas. Dedica-se à gravura até quando em 1968 começa a colaborar com o jornal *Correio da Manhã*. Entre 1970 e 1973, viveu na *Cité des Arts* de Paris, instituição para estudantes de artes estrangeiros. Quando em 1974 seu pai recebe a missão de abrir a embaixada brasileira em Bagdá, Mariza o acompanha, ficando fascinada com a cultura árabe no Iraque, a ponto de aprender o idioma local e participar de uma missão arqueológica belgo-francesa em busca de ruínas babilônicas. Nessa missão foi incumbida de desenhar em papel milimetrado, em escala, os achados arqueológicos que porventura surgessem.

De volta ao Brasil, no Rio de Janeiro, descobriu o jornal *O Pasquim*, cujo humor anárquico a fez se interessar em trabalhar lá, sendo prontamente aceita pelo editor, o cartunista Fortuna, quando este viu os desenhos feitos no Iraque. Eram desenhos de tipos humanos, misturados com seres fantásticos. No *Pasquim* conhece o jornalista Paulo Francis, com quem iniciará uma duradoura parceria profissional, ilustrando as colunas deste e continuando depois a parceria na *Folha*. Também colabora com o jornal *Opinião*. Na redação do *Pasquim* iniciou um relacionamento com um assistente da redação, que lhe gerou um filho, Diogo, que nasce em 1977 com graves problemas cardíacos. O casal se muda para São Paulo em busca de tratamento médico, em um período em que a saúde da criança fora piorando e o relacionamento do casal foi de distanciamento gradativo, até que se separam e o namorado retorna ao Rio de Janeiro. Após duas cirurgias, Diogo falece com dois anos e meio. Nesse meio tempo, Mariza havia entrado em depressão, fez terapia e passou a tomar mais drogas. Estava convicta de que a situação de saúde do filho não tinha relação com o uso de drogas, pois não consumiu nenhuma no período de gravidez, nem mesmo álcool, com exceção do tabaco. Em 1978 foi à redação da *Folha* em busca de trabalho, o que foi lhe oferecido. Dentre as seções que ilustrava, estava a coluna *Diário da Corte* de Francis, coluna a qual depois de um tempo tornou-se a única pessoa a ilustrar, a pedido do próprio colunista à chefia de redação. Assim que surgiram na redação do jornal os primeiros aparelhos de fax e as fotocopiadoras, Mariza tirou proveito dessas tecnologias para seu trabalho, copiando diferentes materiais, como tecidos, para ver como era reproduzida a textura. Revirava cestas de lixo da redação, pedia peças de roupa emprestado de colegas jornalistas, até cascas de bananas foram aproveitadas para matéria-prima das ilustrações para a coluna de Francis. Chegou também a ilustrar livros, como o segundo livro de poemas do cineasta Sylvio Back, *Moedas de luz*, publicado em 1988 e que segundo este foi a primeira obra poética ilustrada por Mariza. No período após

sua saída da *Folha*, em meio a trabalhos encomendados para outras publicações, consumiu drogas diferentes, como crack, ayahuasca, heroína, todas por breves períodos, o que anos mais tarde lhe valeu internações que duravam em média um mês a um mês e meio.

Em 1999, quando Contardo Calligaris é convidado a escrever a coluna das quintas-feiras da última página do caderno *Ilustrada* para a *Folha*, é perguntado pela redação qual ilustrador ele queria que o acompanhasse. Consultou o jornalista Alcino Leite, que lhe indicou Mariza. Contardo Calligaris já escrevia artigos esporádicos para a Folha, e, sendo anunciado aos leitores como novo colunista fixo do caderno *Ilustrada* na edição do dia anterior, sua estreia se dá na edição de quinta-feira, 8 de abril de 1999 com o texto *Adolescentes, testosterona, espinhas e crimes*, sendo seus textos desde então acompanhados de ilustrações de Mariza. Aqui cabe uma observação: por muito tempo, a maioria das páginas da Folha eram impressas em apenas uma cor, preto sobre branco, passando, segundo Contardo, somente no final da década de 1990 a ter maioria de páginas coloridas. No acervo digital da Folha, as digitalizações coloridas das edições tiveram início no acervo de 2003. Cabe definir com uma pesquisa mais aprofundada nesse ponto, de quando exatamente a *Folha* passou a utilizar páginas com mais cores, pois isso marcará uma nova fase no trabalho de Mariza, já que na época de Paulo Francis eram ilustrações somente em preto e branco, mas não menos impactantes visualmente, pois em contraste com as ilustrações da coluna de Calligaris, aquelas ocupavam um espaço gráfico bem maior, quase metade da página. A formação de Mariza na juventude como uma pessoa desgarrada, sem residência fixa por muito tempo, aliada a uma alta absorção cultural cosmopolita, com o movimento efervescente de drogas e rock dos anos 1960, a personalidade excêntrica e introvertida e a aptidão e formação artística autodidata e de vanguarda foram elementos que a conduziram a uma produção bastante intensa na imprensa alternativa e depois na imprensa de grande porte. Os textos que lhes eram oferecidos para ilustrar também formam um papel crucial em seu trabalho, dado o teor altamente intelectual que contêm e o público leitor ao qual se destinam. O caráter dos textos exige uma erudição visual tanto para a ilustradora quanto para os leitores e ela se permitiu experimentar diversas técnicas para criar as imagens interpretativas mais adequadas para determinados textos. Sobre os textos das colunas que ilustra, Mariza diz:

O Paulo Francis falava de várias coisas e sempre com um ponto de vista peculiar, que causava muita polêmica. Já o Contardo se fixa nas atitudes e comportamentos humanos, que também produz como resultado um mosaico muito variado. (PASSOS, 2013)



Figura 1: Página do caderno *Ilustrada* da edição de quinta-feira, 8 de abril de 1999 contendo a coluna de estreia de Contardo Calligaris com ilustração de Mariza Dias Costa. Fonte: foto do autor.



pensava que estas adolescentes que tivessem um fundo. Afinal, as estatísticas diziam que o pique de criminalidade em 95 e 96, largavam todos os tipos de criminalida-

, aliás, uma eflorescência de relatórios retrato apavorante como "super-

palavra pegou e, a, pegaram algu-

lidando com uma

lidade juvenil in-

controles morais e

parecem conter a

e dos adultos.

o de adolescentes

Portanto, nos debruçando sobre nenés e meninos de escola maternal, é bom perceber atrás

Juntem estes fatos demográficos e preparem-se para a geração que vem: os superpredado-

efeitos letais pela proliferação de fogo entre adolescentes. Também a adolescência é mais violenta do adulto. Adolescentes praticam mais crime, pois em cada 100 mil há em média 17 mil adolescentes, a mais em idade saudável. Menores de 15 anos são a população mais violenta. Conclusão: tanto do superpredador quanto do superpredado tem efeito direto. "Laranja Mecânica" é um exemplo de pulga atrás da orelha de Kubrick e da pretensão de ser um clássico.

Figura 2: Destaque da ilustração de Mariza mostrada na figura 1.

O ilustrador Orlando Pedroso, amigo e assistente de Mariza, foi seu colega de redação na Folha e é admirador assumido do trabalho desta. No artigo am/dm, publicado em seu blog em 03 de julho de 2012, Orlando deixa essa admiração bem clara com a seguinte opinião: "(...) a ilustração editorial brasileira se divide entre am/dm, antes e depois da Mariza." (PEDROSO, 2013)

Ao longo do texto, Orlando faz um resumo da biografia de Mariza e cita os principais veículos de imprensa por onde a ilustradora trabalhou. Também escreve sobre as experimentações gráficas que Mariza utilizava ao misturar desenhos com manchas, colagem e fotocópias no período em que trabalhava em parceria com Francis. Também relata a reforma ocorrida no projeto gráfico em 1990, quando a Folha passou a utilizar mais fotografias para ilustrar as matérias do que as ilustrações propriamente ditas, fazendo com que Mariza pedisse demissão e partisse em busca de outros trabalhos de ilustração editorial. Por fim, Orlando conclui o texto lamentando a falta de reconhecimento da obra de Mariza no Brasil, ao compará-la com dois grandes ilustradores britânicos de renome mundial: "Num outro país ela seria cultuada como um Ralph Steadman ou Gerald Scarfe só." (PEDROSO, 2013)

A publicação no blog é ilustrada por vários trabalhos recentes de Mariza, feitos originalmente para ilustrarem os textos da coluna do psicanalista e escritor Contardo Calligaris na Folha. Outro artigo do blog de Orlando, de 04 de dezembro de 2013 dá mais detalhes da trajetória de Mariza, como a relação do trabalho desta com a obra de Paulo Francis, cuja coluna Diário da Corte foi muitas vezes ilustrada por Mariza no caderno Ilustrada, dentre outras seções do jornal. Esse artigo dá mais detalhes que justificam a admiração de Orlando pela obra de Mariza:

(...) é a mais importante e influente ilustradora de imprensa do Brasil. Com seu desenho agressivo e inovador, mudou a forma de se fazer e de se pensar a ilustração. O desenho inocente e quase sem malícia feito até meados dos anos 70, deu lugar a

uma nova forma de se expressar graficamente, de se interpretar um texto ou uma notícia. (...) Mariza inventou uma nova forma de ilustrar e apurou o olhar do leitor. (PEDROSO, 2013)

Orlando também lamenta a situação atual do trabalho de Mariza, em que este, sendo publicado na Folha, mesmo mantendo a qualidade gráfica, atualmente está restrito a um espaço gráfico de tamanho menor em questões de diagramação do que nos tempos da coluna de Francis, o que faz com que as ilustrações percam muito de seu impacto visual sobre o leitor. Por fim, Orlando resgata o lamento do texto anterior: "O Brasil trata mal seus artistas (...)"(PEDROSO, 2013)

Mas o artigo é concluído com uma solução concreta para esse problema: a publicação de um livro com ilustrações de Mariza acompanhada de uma exposição com originais das mesmas. O projeto do livro foi financiado em parte por Orlando e demais amigos da ilustradora, que para completarem os custos de produção o divulgaram através do sistema de financiamento coletivo Catarse, onde várias pessoas interessadas em adquirir o livro fizeram doações financeiras para a publicação ser concretizada. No site do projeto no Catarse (<http://catarse.me/pt/livromariza>), há um texto com breve descrição sobre a trajetória profissional de Mariza, sobre o conteúdo do livro e sobre as pessoas que colaboraram para a confecção deste, além de um vídeo que mostra cenas da artista trabalhando e dando um depoimento. O próprio Orlando Pedroso é o organizador do livro, que contém textos de Contardo Calligaris, da então jornalista da *Folha* Laura Capriglione e do psiquiatra Marcelo Ribeiro, que atende Mariza desde a internação voluntária desta em 2001, para tratar-se por conta de uso de drogas. A própria Mariza relata no livro esse período de internação psiquiátrica, que deu origem ao título do livro: "*...e depois a maluca sou eu!*"

A obra tem 224 páginas, onde estão reunidas pela primeira vez ilustrações publicadas ao longo de quase 40 anos, dentre elas as executadas para as colunas de Paulo Francis (originalmente produzidas em preto e branco) e de Contardo Galligaris (originalmente produzidas a cores) na Folha. O projeto gráfico foi executado pelo artista gráfico e editor Toninho Mendes, que utilizou fontes digitais criadas por tipógrafos brasileiros e a capa é do designer Claudio Rocha. O lançamento do livro e a abertura da exposição dos trabalhos originais de Mariza ocorreram na galeria La Mínima, na cidade de São Paulo, em 04 de dezembro de 2013, permanecendo a exposição até 15 de fevereiro de 2014 aberta à visitação. A campanha pelo financiamento do livro propagou-se pela internet, em redes sociais, blogs e listas de discussão, reacendendo o interesse pelo trabalho da ilustradora. O lançamento foi noticiado pela própria Folha com direito a uma breve análise da obra pelo então editor de Arte do jornal, Fabio Marra, em matéria publicada no site do jornal no mesmo dia do lançamento do livro e abertura. Eis um trecho da análise:

A seqüência mostra maturidade técnica, mas sem a descaracterização da personalidade incisiva do traço.

O trabalho foi sendo acrescido, ainda, de muita criatividade gráfica com uso de colagens e texturas diversas, de resíduos de papéis fotocopiados a estampas de gravatas.

Na imersão que faz para ilustrar cada uma das narrativas, através de personagens disformes com dentes à mostra e olhos esbugalhados, Mariza deposita na arte uma funcionalidade contraditória e conjectura no mesmo espaço o radical e o inocente.

As ilustrações não são literais nem tampouco sutis. São avassaladoras. Chocam visualmente na mistura de cores fortes em espaços delimitados muitas vezes por contornos suaves. Quase a dualidade entre o bem e o mal. (MARRA, 2013)

Além da repercussão midiática, outro sinal evidente do sucesso do projeto foi no seu financiamento: a meta a ser atingida era de R\$9.000,00 para cobrir os custos de produção.

A quantia arrecadada foi de R\$16.224,00, dada por ao todo 140 apoiadores divididos em quatro cotas de financiamento. Quem financiasse o projeto, ganharia um exemplar autografado com frete incluso. Pessoas de diversas procedências apoiaram o projeto, tanto anônimos quanto pessoas públicas da área de mídia, como o apresentador televisivo Marcelo Tas e da área do Design, como o designer e professor de Design do curso de Graduação Tecnológica em Design Gráfico do Centro Universitário IESB de Brasília Bruno Porto. Quem se interessou pelo projeto mas não participou do financiamento, pôde adquirir o livro, após seu lançamento, em livrarias.

4 — Depoimento da ilustradora e de pessoas próximas

O recorte biográfico da ilustradora foi baseado em parte na apresentação escrita pelo ilustrador Orlando Pedroso e no relato escrito para o livro por Laura Capriglione sob o título *A história do traço e da fúria*. Também constam na orelha do livro o depoimento do psicanalista Marcelo Ribeiro, assim como o depoimento de Contardo Calligaris no interior do livro, intitulado *Penas na sarjeta*. Enquanto Capriglione faz um relato biográfico de Mariza com narrativa em terceira pessoa , Orlando, Marcelo e Contardo escrevem em primeira pessoa, relatando cada um a seu modo como foi conhecer tanto a pessoa quanto a obra de Mariza e como eles se relacionam com ambas. As últimas quinze páginas do livro são reservadas ao depoimento da própria Mariza a respeito de sua internação em 2001, onde escreve em detalhes o dia-a-dia no ambiente manicomial e a convivência com as outras internas e com os profissionais de saúde. Além do já citado mesmo título do livro ...e depois a maluca sou eu!, o depoimento tem como subtítulo o seguinte texto:

O texto e os desenhos a seguir foram criados por Mariza Dias Costa no período de sua primeira internação em 2001. É uma narrativa jornalística sofrida e poderosa, onde imperam o bom senso e a lucidez da artista. (COSTA, 2013, p. 209)

De fato, o texto do depoimento é acompanhado de desenhos que ilustram o período de internação de Mariza, desenhos feitos *in loco*, pois segundo o relato desta, havia um acordo com os profissionais do estabelecimento de saúde mental para que ela pudesse dispor de seu material de trabalho, tendo inclusive mesmo durante a internação cumprido com a tarefa de ilustrar a coluna de Contardo e de outros textos que porventura a redação da *Folha* lhe solicitasse, bastando que um *motoboy* buscasse as artes originais no estabelecimento para então levá-las à redação do jornal. São ao todo quatorze desenhos publicados nesse depoimento, cada um em uma página, com exceção da primeira onde está o título. Todos os desenhos estão impressos em preto e branco e estão posicionados nas margens externas das respectivas páginas, e alguns devido ao tamanho maior interferem na diagramação do texto, "empurrando" este mais para a área interna do livro. Estes desenhos, um deles retratando a própria Mariza e a maioria dos restantes as suas colegas internas, podem ser considerados como depoimentos visuais, alguns inclusive acompanhados de legendas e balões de fala e de pensamento, complementando o depoimento do texto. Infelizmente Toninho Mendes, autor desse projeto gráfico do livro, editor de quadrinhos independentes e amigo de Mariza, faleceu em 18 de janeiro de 2017, sendo assim uma pessoa a menos para colher depoimentos a respeito da vida e obra de Mariza, especialmente na elaboração do livro em questão. Os demais depoentes citados anteriormente podem vir a ser consultados para obter mais informações a respeito de Mariza, sendo Orlando o primeiro contactado pelo pesquisador e desde então disposto a colaborar com o que tiver à disposição, visto que é amigo e colega próximo de Mariza e zela pelo acervo da obra desta.

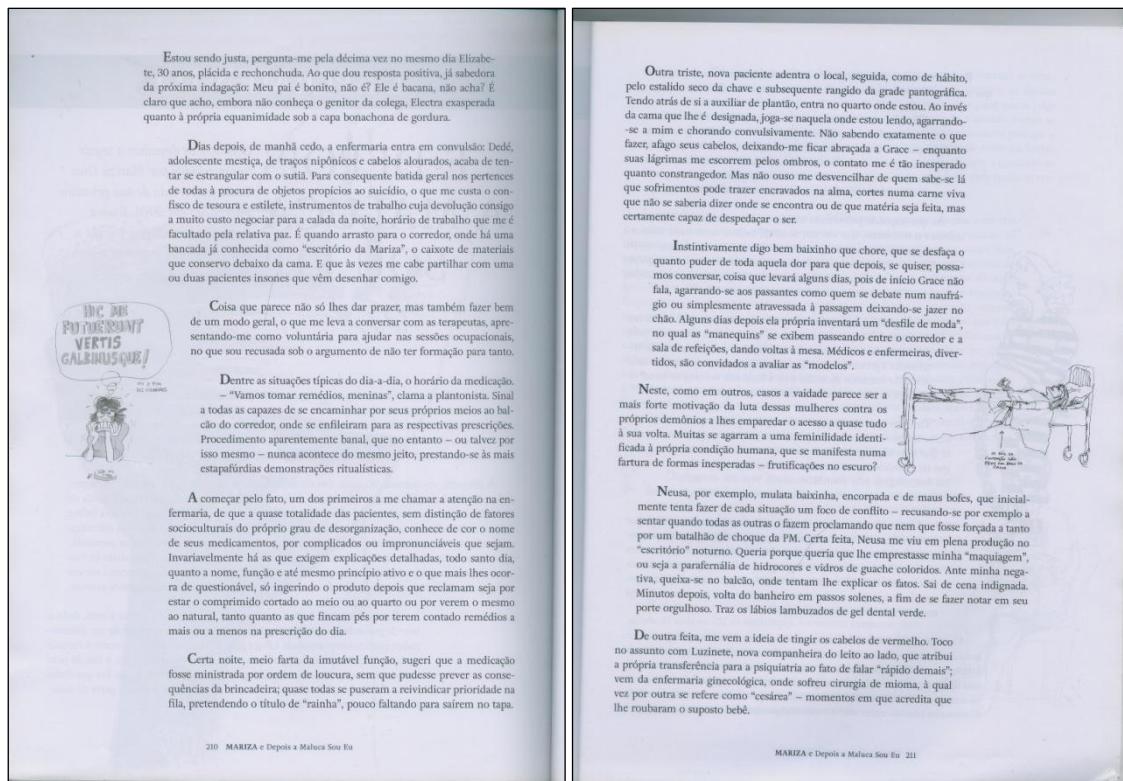


Figura 3: Páginas contendo parte do depoimento escrito e ilustrado por Mariza Dias Costa, com projeto gráfico e diagramação de Toninho Mendes. Fonte: COSTA, Mariza Dias. ...e depois a maluca sou eu! Concepção e edição: Orlando Pedroso. São Paulo: Peixe Grande, 2013., p. 210-211.

5—Conclusões

O fato da ilustradora estar disposta a responder aos questionamentos do pesquisador ainda assim deixa a possibilidade do depoimento fornecido ser passível de enviesamento devido a circunstâncias como possíveis falhas de memória e ausência de documentação comprobatória de determinados conteúdos relatados, como por exemplo as ilustrações feitas para textos de Francis no *Pasquim*, pois segundo depoimento dado por Mariza ao jornalista e editor Marcelo Alencar durante o evento Sábado da Memória das Artes Gráficas no SESC-SP em 14 de abril de 2018, não sobrou material disponível desta parceria naquele jornal em questão. Segundo Josso:

É muito importante que, num primeiro tempo, as “histórias de vida” permitam às pessoas fazer um balanço retrospectivo das suas vidas: olhar para todo o caminho percorrido, para os acontecimentos, as situações, as atividades, as pessoas significativas que encontraram. (...)

O segundo é considerar nesse balanço os recursos, os projetos e os desejos que são portadores de futuro. No passado, não há somente as coisas que ocorreram, há também todo o potencial que cada indivíduo tem para prosseguir a sua existência no futuro. (JOSO, 2008)

Desde pouco antes do lançamento do livro até o presente momento da publicação deste artigo, Mariza tem participado de diversos eventos em que dá entrevistas e depoimentos, escritos, falados e filmados, cabendo ao autor desse artigo coletá-los e fazer uma triagem, para que assim possa avaliar a necessidade de entrar em contato com a ilustradora e pessoas que se relacionam com ela profissional e pessoalmente para coletar dados de história de vida. Com isso tem-se o objetivo de obter mais dados que tenham sido omitidos das fontes já pesquisadas em relação à vida e à obra de Mariza e avaliar o alcance da eficácia da história de vida como metodologia de pesquisa assim como as técnicas que

possam complementar a pesquisa. Assim, propõe-se utilizar a história de vida como técnica que avance estágios na pesquisa a partir do ponto de onde as documentações impressas e audiovisuais porventura chegarem ao seu limite de análise, levando-se em conta também que caso haja esgotamento também da história de vida, deve-se avaliar outras técnicas que a complementam, como inclusive a própria documentação que gerar demanda a partir do que for levantado nos depoimentos obtidos.

Para o procedimento de coleta de depoimentos, será essencial o auxílio de pessoas próximas à autora, começando pelo ilustrador Orlando Pedroso, colega e guardião do acervo da autora e atualmente principal canal de comunicação com o pesquisador, além de eventuais parentes. Com a análise do depoimento de Mariza escrito e ilustrado no livro, conclui-se também que, além de tentar obter um depoimento escrito e oral, poder-seia obter também um depoimento gráfico, através de desenhos da própria Mariza, caso a escrita e a oralidade não forneçam informações suficientes, visto que por estar acostumada ao ambiente jornalístico, desenha com rapidez afim de fazer registros gráficos como no caso do período de sua internação. Assim tem-se uma relação com o que Joso experimentou quando, em pesquisas antropológicas, ao coletar histórias de vida de indivíduos de sociedades do oeste africano cuja cultura de comunicação é predominantemente oral, esta teve de se limitar a essa forma oral de coleta de informações, contudo, no caso de Mariza abre-se mais uma possibilidade de fonte de depoimento, em uma nova linguagem.

Referências

- Acervo Folha: <http://acervo.folha.com.br/> Disponível em <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=14213&anchor=571131&origem=busca&pd=353f201b2152b5b43b339f24e5a75c39>> Acesso em 16/08/2018.
- CATARSE. ...e depois a maluca sou eu! 2013. Disponível em <<http://catarse.me/pt/livromariza#about>> Último acesso em 17/08/2018.
- COSTA, Mariza Dias. ...e depois a maluca sou eu! Concepção e edição: Orlando Pedroso. São Paulo: Peixe Grande, 2013.
- História de vida in Artigos de apoio Infopédia. Porto: Porto Editora, 2003-2018. Disponível na Internet: <[https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$historia-de-vida](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$historia-de-vida)>. Acesso em 17 de agosto de 2018.
- JOSSO, Marie-Christine. As Histórias de Vida abrem novas potencialidades às pessoas. Entrevistador: Associação o Direito de Aprender. Disponível em <<https://www.direitodeaprender.com.pt/artigos/entrevista-com-marie-christine-josso>>. Último acesso em 17/08/2018.
- As histórias de vida como artes formadoras da existência. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. & ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto(Orgs). Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si. Porto Alegre/ Salvador: EDIPUCRS/ EDUNEB, 2006, V.1.
- _____. Da formação do sujeito... Ao sujeito da formação. In: NÓVOA, A. Vidas de professores. Porto: Porto Editora, 1995.
- _____. Experiências de vida e formação. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos. Revista da Faculdade de Educação -USP. São Paulo, 1999.

_____. O caminhar para si: uma perspectiva de formação de adultos e de professores. Entrevistador: Margaréte May Berkenbrock-Rosito. Revista @mbienteeducação, São Paulo, v. 2, n.2, p. 136-139, ago./dez. 2009

LEWIS, O. The Children of Sanchez. Paris: Gallimard, 1993.

MARRA, Fabio. Análise: Ilustrações avassaladoras unem o radical ao inocente. Folha de São Paulo, São Paulo, 4 dez. 2013. Ilustrada. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/12/1380198-analise-ilustracoes-avassaladoras-unem-o-radical-ao-inocente.shtml>>. Último acesso em 17/08/2018.

MEIRELES, Mauricio. Morre o editor de quadrinhos Toninho Mendes, ao 62 anos. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 18 jan. 2017. Ilustrada. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/01/1850920-morre-o-editor-de-quadrinhos-toninho-mendes-ao-62-anos.shtml>> Último acesso em 17/08/2018.

NÓVOA, A. Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

NÓVOA, A. & FINGER, M. O método (auto)biográfico e a formação. Lisboa: MS/ DRHS/ CFAP, 1988.

TINOCO, Rui. Histórias de vida: um método qualitativo de investigação. Publicado originalmente em www.psicologia.pt, 2004. Acesso em 11 de junho de 2018.

PASSOS, Úrsula. Livro reúne criaturas disformes de Mariza. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 4 dez. 2013. Ilustrada. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/12/1380192-livro-reune-criaturas-disformes-de-mariza.shtml>>. Último acesso em 17/08/2018.

PEDROSO, Orlando. a ilustradora mariza manda seu recado ao amigo e editor toninho mendes. Blog do Orlando, São Paulo, 23 jan. 2017. Disponível em <<https://blogdoorlando.blogosfera.uol.com.br/2017/01/23/a-ilustradora-mariza-manda-seu-recado-ao-amigo-e-editor-toninho-mendes/>>. Último acesso em 17/08/2018.

_____. am/dm. Blog do Orlando, São Paulo, 30 jul. 2012. Disponível em <<http://blogdoorlando.blogosfera.uol.com.br/2012/07/03/amdm/>>. Último acesso em 13/08/2018.

_____. Ilustres: Mariza Dias Costa. **InfoSIB**: O Jornal eletrônico da Sociedade dos Ilustradores do Brasil. n. 3, abr. 2005. 14p.

_____. livro e exposição mostram a importância da ilustradora mariza. Blog do Orlando, São Paulo, 30 jul. 2012. Disponível em <<http://blogdoorlando.blogosfera.uol.com.br/2013/12/04/livro-e-exposicao-mostram-a-importancia-da-ilustradora-mariza/>>. Último acesso em 13/08/2018.

_____. toninho mendes não teria morrido se tivesse trabalho e reconhecimento. Blog do Orlando, São Paulo, 19 jan. 2017. Disponível em <<https://blogdoorlando.blogosfera.uol.com.br/2017/01/19/toninho-mendes-nao-teria-morrido-se-tivesse-trabalho-e-reconhecimento/>>. Último acesso em 17/08/2018.

PINEAU, G. As histórias de vida como artes formadoras da existência In: Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si. Porto Alegre/Salvador: EDIPUCRS / EDUNEB, 2006.

_____. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. In Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.2, p. 329-343, maio/ago. 2006.

_____. Produire sa vie: Produire sa vie autoformation et autobiographie. Paris: Edilig; Montréal: St Martin. 1983.

_____. (Coord.) Accompagnements et histoires de vie. gnements et histoires de vie. Paris: L'Harmattan. 1998.

_____. Les histoires de vie. Paris: PUF. 2002.

_____. Temporalidades na formação. São Paulo: Triom. 2004.

PINEAU G.; LE GRAND, J. Les histoires de vie: que sais-je? Paris: PUF, n. 2760. 2002.

PINEAU, G.; JOBERT, G. Histoires de vie (T Histoires de vie omes 2). Paris: L'Harmattan. 1989

THOMAS. W. I & ZNANIECKI, F. (1918) The Polish Peasant in Europe and America. (5 vols). Boston: Richard G. Badger, 1918-20 (Vol. I AND II originally published by the University of Chicago Press).

.....

Nota sobre o autor

Gomes, Felipe Vellozo; Titulação; O trabalho de ilustração de Mariza; Orientador prof. Washington Dias Lessa; 2020; link para Currículo Lattes
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4710495H2>

felipevellozo@ymail.com